

Um estudo sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada

A study for preparing semi-structured interview guides

Eduardo José Manzini
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Marília-Brasil
Raffaella Lupetina
Instituto Benjamin Constant (IBC)
Rio de Janeiro-Brasil

Resumo

A entrevista semiestruturada tem como característica a elaboração de um roteiro prévio. Assim, objetivou-se analisar a elaboração dos roteiros, antes e após uma aula sobre entrevista semiestruturada. A coleta de dados ocorreu durante uma disciplina de Metodologia de Pesquisa da qual participaram 14 estudantes de mestrado. A aula abordou a conceituação e classificação das entrevistas, elaboração de roteiros e preâmbulos. Uma semana antes do início da aula, foi solicitado aos discentes que elaborassem um roteiro incluindo os objetivos, os participantes e as questões pertinentes ao tema. Após a aula, foi solicitado que reformulassem os roteiros. O tratamento de dados foi realizado de forma quantitativa e qualitativa. Os resultados indicaram que a maior dificuldade estava associada às questões que incorporaram frases manipulativas. Pôde-se concluir que houve melhor qualificação das perguntas do roteiro após a atividade desenvolvida.

Palavras-chave: Metodologia de Pesquisa; Entrevista; Roteiro.

Abstract

The semi-structured interview is characterized by the development of a guide beforehand. Thus, this study aimed to examine the preparing these guides, both before and after a lesson on semi-structured interviews. The data was collected during a Research Methodology course attended by 14 master's students. This lesson addressed the conceptualization and classification of interviews, as well as the preparation of interview guides and introductions. One week prior to the commencement of this lesson, the students were tasked with creating a guide that outlined the objectives, participants, and questions. Following the lesson, they were instructed to revise their guides. The analysis of the data was conducted using both quantitative and qualitative methods. The findings revealed that the most significant challenges were associated with questions that incorporated manipulative statements. The study concluded that the quality of the questions in the guides improved after the conducted activity.

Keywords: Research Methodology; Interview; Guide.

1 Introdução

A entrevista tem sido utilizada em diversas pesquisas na área de Educação e tornou-se um procedimento para coleta de dados com estudantes, professores, coordenadores, gestores, dentre os vários seguimentos da comunidade escolar.

Estudos sobre o tema têm relatado que a entrevista semiestruturada, caracterizada pela elaboração de um roteiro prévio que permite aprofundamento por meio de perguntas complementares no momento da entrevista, confere segurança a pesquisadores de mestrado e doutorado ao contar com um roteiro prévio (Manzini, 2020). Por outro lado, outros tipos de entrevistas podem carecer de formação mais específica para serem utilizadas em pesquisa, como as entrevistas do tipo não estruturadas (ou abertas) que necessitam de bom treinamento por parte do entrevistador, e as entrevistas estruturadas com perguntas fechadas, que carecem de um conhecimento metodológico mais avançado para elaboração desse tipo de roteiro, com cotização de variáveis precisas para atingir os objetivos pretendidos (Günther, 1999; Rea; Parker, 2000).

Outros estudos indicam que a entrevista semiestruturada é a preferida por estudantes de mestrado e doutorado (Manzini, 2012), pois além de um roteiro mais fácil de ser construído, possibilita um ponto de comparação entre as várias versões dos entrevistados, pois as perguntas são as mesmas e os conteúdos podem ser cruzados e discutidos. Manzini (2012) conduziu uma análise das dissertações e teses de um programa de pós-graduação ao longo de cinco anos, identificando um total de 324 trabalhos de conclusão. Desses, foi constatado que em 100 dissertações e 67 teses, a coleta de dados foi realizada através de entrevistas. Concluiu que cerca de 74% dos pesquisadores utilizaram a entrevista semiestruturada.

Esses estudos demonstram a necessidade de os programas de pós-graduação em Educação investirem na formação dos discentes no que se refere ao uso da entrevista em pesquisa, a fim de identificarem a melhor abordagem teórica e o melhor tipo de entrevista para o objeto de estudo (Bleger, 1980; Gomes, 1997; Romanelli, 1988; Seidman, 1988; Triviños, 1987); para elaborarem os roteiros (Adurens; Deliberato; Manzini, 2019); para entenderem que a produção do discurso do entrevistado pode aumentar ou diminuir em função das ações do entrevistador (Blanchet, 1988), para evitarem que a análise não sofra vieses de interpretação (Manzini, 2006; Manzini; Glat, 2014).

Um dos cuidados para o uso da entrevista refere-se ao instrumento para a coleta de informações, ou seja, a elaboração de roteiros que dirijam as perguntas para que os objetivos da pesquisa sejam atingidos.

A literatura sobre metodologia de pesquisa oferece orientações para elaboração meticulosa das perguntas dos roteiros (Günther, 1999; Rea; Parker, 2000; Manzini, 2003).

Rea e Parker (2000) discutiram e frisaram a necessidade de o pesquisador usar critérios claros para a elaboração de perguntas para coleta de dados em pesquisa. Em sua explanação descreveram cinco categorias de formatações de perguntas que devem ser observadas: 1) não utilizar palavras coloquiais, jargões técnicos do próprio pesquisador, desconhecido da população-alvo da pesquisa; 2) evitar o uso de palavras e frases não específicas, cujas respostas podem ser ambíguas, como, por exemplo: “Você está satisfeito com o governo atual?”. Trata-se de uma pergunta que pode levar os entrevistados a responderem sobre o governo federal ou estadual ou municipal, sendo, portanto, necessária uma especificação; 3) não utilizar perguntas com múltiplas finalidades, ou seja, quando duas perguntas são apresentadas conjuntamente e o entrevistado puder optar por responder uma e não outra; 4) evitar frases que possam ser manipulativas, sendo deliberadas ou não, cuja manipulação tende a direcionar para um certo tipo de resposta. Um exemplo clássico é usar palavras negativas como “não” ou “nunca” nas perguntas, que podem influenciar as respostas; 5) não utilizar palavras ou frases emocionais, descritas pelo autor como aquelas que despertam sentimentos positivos ou negativos.

Além dessas questões citadas, há necessidade de o vocabulário utilizado no roteiro/entrevista ser adequado à população que está sendo entrevistada (Günther, 1999; Rea; Parker, 2000; Manzini, 2020). Quando adultos ou crianças são entrevistadas, há uma clara diferenciação do vocabulário. O mesmo ocorre quando a entrevista é conduzida com pessoas de áreas rurais longínquas e pessoas dos grandes centros urbanos, o que exigirá um vocabulário adequado e, possivelmente, diferenciado para essas populações.

Os vários autores citados indicam que as perguntas a serem utilizadas em entrevistas e questionários devem ser simples, claras e objetivas. Algumas vezes, perguntas com enunciados longos podem extrapolar a memória de trabalho do entrevistado, portanto, o “tamanho da pergunta” deve ser um aspecto analisado (Manzini, 2003).

Um estudo sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada

Outra indicação da literatura refere-se à inserção, no próprio roteiro, de um preâmbulo para servir como início de conversa com o entrevistado (Manzini, 2003, 2020). O conteúdo a ser apresentado nesse preâmbulo refere-se: 1) ao tema ou objetivo da pesquisa; 2) à importância de o entrevistado(a) compartilhar a experiência vivida por ele(a) sobre o tema em pauta, ou seja, o conteúdo deve ser constituir em uma tentativa de fomentar sua motivação para a entrevista; 3) à necessidade da gravação da entrevista para prevenir vieses de interpretação; 4) à garantia de sigilo do entrevistado (Manzini, 2003, 2020).

Todos os apontamentos apresentados pela literatura são importantes para quem está iniciando em pesquisa e não possui experiência suficiente para utilizar a entrevista como um procedimento de coleta.

Além dessas questões, existe a necessidade de os autores optarem pela abordagem teórica que fundamentará o uso da entrevista na pesquisa, se se configurará em uma abordagem fenomenológica (Gomes, 1997; Seidman, 1988), antropológica (Romanelli, 1988), dinâmica (Bleger, 1980), crítica (Triviños, 1987), dentre outras.

Portanto, a incorporação de fundamentos teóricos e práticos para aplicação da entrevista em pesquisa demanda formação adequada, que, frequentemente, é fornecida pelas disciplinas de metodologia científica, e em outras ocasiões, desenvolvidas e aprofundadas em grupos de pesquisa.

A concepção epistemológica adotada no presente texto parte do princípio de que a entrevista é um procedimento para coletar informações verbais e não verbais, que ocorrem em um momento histórico específico, que está calcado na experiência vivenciada pelo entrevistado. Os dados coletados, na forma de concepções, representações, percepções, avaliações ou descrições dos acontecimentos ou fatos vivenciados estão atrelados àquele momento histórico, pois sabe-se que novas experiências poderão alterar as concepções relatadas. Os dados são tratados como uma versão sobre um fato ou um evento, que é moldado pela forma como a entrevista é conduzida. Os dados não estão prontos para serem coletados, mas são reconstruídos num processo de interação social entre o entrevistado e o entrevistador. O entrevistado não fornece informações, ele não é um informante, nem objeto de estudo, pois é no processo de interação social entre entrevistador, com suas perguntas, com sua escuta e com as técnicas apropriadas, que os dados são coproduzidos. Assim, o entrevistado é a pessoa mais importante nesse processo e sem ele o dado não existe. Para que as informações sejam expressas, há necessidade de um roteiro com perguntas bem

elaboradas, inteligíveis, e que deverão convergir para o objetivo e pergunta de pesquisa, sendo o roteiro, no caso para entrevista semiestruturado, um instrumento que pode ser analisado detalhadamente antes de ser utilizado. Nota-se que aqui não se fala de aplicar um roteiro, pois a entrevista deve focar no diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, e o roteiro é um instrumento para garantir que todas as perguntas sejam realizadas nas entrevistas com o grupo que está sendo entrevistado, pois, na entrevista semiestruturada o pressuposto é entrevistar grupos mais ou menos homogêneos, que tenham vivências e experiências semelhantes, para então, analisar os núcleos de significação que emergem a partir da entrevista.

O presente estudo foi conduzido no contexto de uma disciplina de Metodologia de Pesquisa, inserida em um Programa de Pós-Graduação em Educação, caracterizando-se, portanto, como uma situação de ensino. O objetivo foi analisar a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada antes e após uma atividade de ensino, verificando as contribuições da aula na performance de discentes de um programa de mestrado.

2 Método

O estudo foi desenvolvido com 14 alunos de mestrado, durante uma única aula, com duração de 2 horas e 15 minutos, que versava sobre o tema “Entrevista”. Os estudantes eram ingressantes no mestrado, dos quais 12 eram do gênero feminino e 2 do gênero masculino.

A coleta de dados teve início uma semana antes da aula sobre o tema entrevista, durante uma das aulas da disciplina de metodologia científica de pesquisa. Os estudantes receberam um documento com instruções para que preparassem o material necessário para a aula subsequente, cuja temática abordaria entrevista.

A tarefa dos discentes foi elaborar um roteiro para uma entrevista semiestruturada, em que deveriam: 1) indicar quem seria o entrevistado; 2) descrever o objetivo da entrevista; 3) elaborar as questões para o roteiro de entrevista. As instruções também esclareciam que não havia um número mínimo ou máximo de perguntas para a elaboração do roteiro, e que a decisão ficaria a critério de cada estudante.

A aula sobre entrevista teve como objetivos: 1) Conceituar entrevista; 2) Apresentar uma classificação dos tipos de entrevista; 3) Realizar uma análise de roteiros para entrevista semiestruturada, utilizando como exemplos os roteiros dos próprios discentes, que os haviam preparados anteriormente; 4) Exemplificar como fazer a redação de preâmbulos para

Um estudo sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada

iniciar uma entrevista; 5) Alinhar as questões teóricas da aula com a prática para redigir roteiros.

Uma semana após a aula ministrada, os discentes foram orientados a entregar os roteiros reformulados, buscando aplicar as questões metodológicas apresentadas e discutidas durante a aula.

A atividade realizada não estava condicionada à atribuição de uma nota ou outra forma de avaliação para a disciplina, e os discentes que concordaram em disponibilizar os roteiros para análise entregaram um registro de consentimento assinado para que os dados coletados pudessem ser analisados e o texto decorrente dessa análise, publicado na forma de um artigo científico. Dos 17 estudantes da turma, 15 assinaram o registro de consentimento, porém, um estudante não havia participado da coleta inicial, o que levou a um total de 14 roteiros submetidos à análise.

O procedimento de análise consistiu em comparar, quantitativamente e qualitativamente, os roteiros para a entrevista semiestruturada antes e após a aula.

A análise dos roteiros foi dividida em seis categorias: 1) quantidade e qualidade das perguntas antes e após a aula sobre entrevista; 2) clareza dos objetivos descritos antes e após a aula; 4) exequibilidade dos objetivos para coleta por meio de entrevista, antes e após a aula; 5) características do roteiro e das perguntas (uso de frases manipulativas, clareza ou precisão, uso de palavras vagas ou inespecíficas, uso de palavras que causam impacto emocional, uso de perguntas com múltipla finalidade; extensão das perguntas, uso de jargões, vocabulário inadequado); 6) análise dos preâmbulos para a entrevista. Portanto, as categorias utilizadas para a análise foram elaboradas *a priori*, tendo como pressuposto a literatura da área (Günther, 1999; Manzini, 2003, 2004, 2006, 2012, 2020; Rea; Parker, 2000; Triviños, 1987).

Para a análise dos seis elementos citados, as informações foram computadas em uma planilha Excel tendo como objeto de estudo os roteiros iniciais e os roteiros reformulados, que compreendiam os objetivos, os preâmbulos, e os tipos e as características das perguntas. A partir desses dados, foram compostos gráficos de modo a demonstrar as características dos roteiros antes e após as aulas. A análise qualitativa é demonstrada a partir de exemplos das perguntas dos roteiros antes e após a aula.

3 Resultados e discussão

De forma geral, verifica-se que houve um aumento no número de perguntas dos roteiros de quase todos os participantes após a atividade de ensino. Outra característica é que a redação das perguntas sofreu uma mudança qualitativa, ou seja, as perguntas ficaram mais claras e mais conectadas com o objetivo da entrevista. Em apenas um roteiro, não houve melhora na qualificação das perguntas. A Tabela 1 apresenta esses dados.

Tabela 1: Quantidade e qualidade das perguntas após a aula sobre entrevista

Quantidade e qualificação das perguntas	n
O número de perguntas foi o mesmo e não houve qualificação	1
O número de pergunta foi o mesmo, mas foram mais bem qualificadas	3
O número de perguntas foi pouco acrescido, mas foram mais bem qualificadas	5
Houve aumento do número de perguntas e com melhor qualificação	5
Total	14

Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Nota-se que em cinco roteiros o número de perguntas foi pouco acrescido (uma ou duas perguntas), mas as perguntas foram mais bem qualificadas na sua forma ou característica, como será discutido mais à frente.

O exemplo a seguir ilustra o que este estudo considera como pergunta mais bem qualificada:

(Pergunta original) A partir das teorias que você estuda (ou já estudou), qual (ou quais) você encontra dentro da sua prática pedagógica?

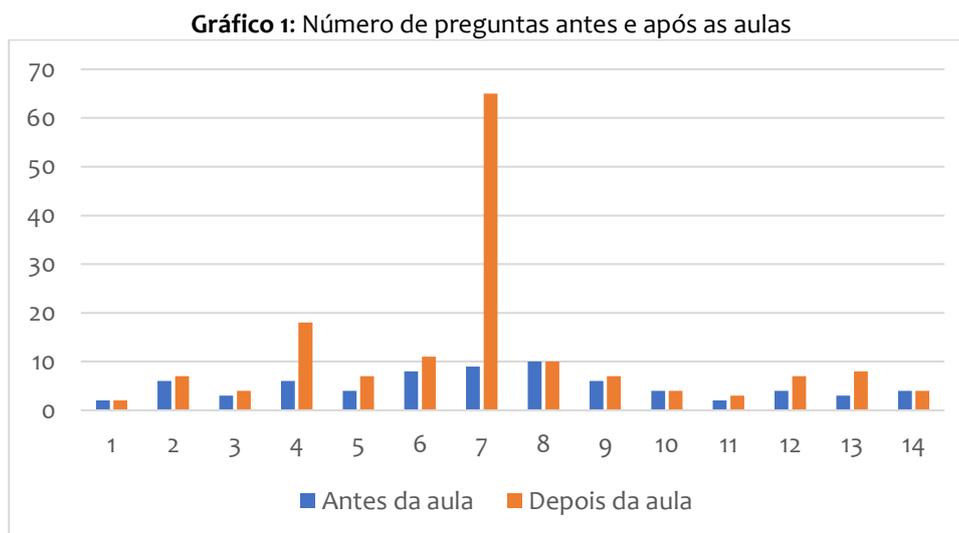
(Pergunta reformulada) Baseado(a) em sua experiência como professor(a), você percebe alguma relação das teorias da educação em sua prática pedagógica?

Nota-se que a primeira pergunta traz uma obrigatoriedade de haver uma relação entre a teoria e a prática do professor. Trata-se de uma pergunta com um certo grau de manipulação, pois parte-se do princípio de que deve haver uma relação entre teoria e prática. Na pergunta reformulada, verifica-se que se investiga se há ou não uma relação entre a teoria e a prática do professor, deixando o entrevistado dizer se há ou não relação para ele. Portanto, em primeira análise, percebe-se que o conceito que está sendo investigado é *identificar a relação em teoria e prática pedagógica* do ponto de vista do entrevistado, mas a primeira pergunta pressupõe que essa relação existe. A pergunta reformulada, por sua vez, deixa a cargo do entrevistado identificar a existência dessa relação. Neste exemplo, cabe

Um estudo sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada

resgatar as indicações de Günther (1999) quando discute que para cada conceito a ser investigado há a necessidade de várias perguntas. Portanto, o roteiro deverá apresentar uma série de perguntas para aprofundar a interpretação do entrevistado sobre a relação teoria e prática pedagógica. A relação entre conceito e perguntas será retomado ao longo deste texto.

O Gráfico 1 apresenta o número de perguntas antes e após a atividade de ensino.



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Apesar de não existir uma recomendação padrão para o número de perguntas de um roteiro de entrevista semiestruturada, Manzini (2020) enfatiza que o número de perguntas deve ser suficiente para abranger todos os conceitos que a entrevista busca investigar. Essa dimensão não foi investigada nos roteiros e demandaria uma discussão individual com cada um dos discentes para definir claramente os objetivos de cada entrevista. A relação entre o objetivo da entrevista e a quantidade de itens (conceitos) a serem investigados com as perguntas inerentes a cada item tem sido discutida pela literatura especializada (Günther, 1999).

Günther (1999), de forma bem didática, exemplifica que em um roteiro ou questionário, o pesquisador poderá investigar vários conceitos (A, B, C) e cada um desses conceitos deverá ser suportado por vários itens ou perguntas ($a_1, a_2, a_3, b_1, b_2, b_3, c_1, c_2, c_3$).

Manzini (2020) tem pontuado que, em certas ocasiões, pesquisadores iniciantes formulam uma única pergunta para tentar esclarecer um tema complexo, um conceito, como, por exemplo, perguntar a um professor: qual a sua concepção de avaliação? Na realidade,

esse tipo de pergunta busca desvendar um grande conceito, que é o da avaliação. O entrevistador – pesquisador é quem deve, a partir de uma série de perguntas sobre avaliação, descobrir, a partir dos relatos do entrevistado, a concepção que aquele professor se fundamenta para realizar suas atividades de avaliação.

Ao observar o Gráfico 1, verifica-se que o Roteiro 7 (inicial) continha 9 perguntas e, no roteiro reformulado, o número chegou a 65. Nesse caso específico, há um indicativo de que a entrevista não poderia ser realizada em uma única seção de coleta, pois o tempo despendido seria muito grande.

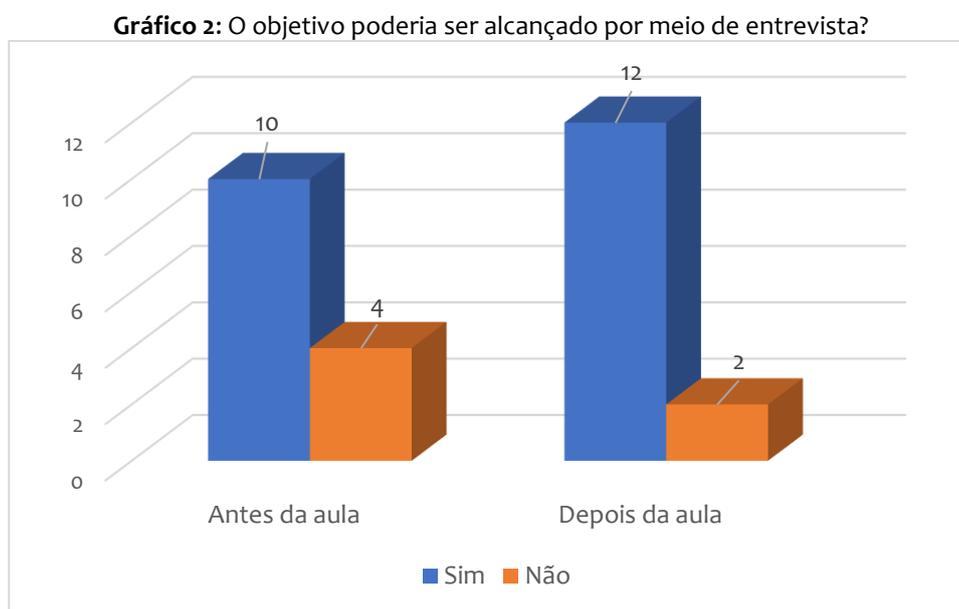
Considerando que a entrevista semiestruturada parte de um roteiro prévio, com perguntas principais para atender ao objetivo da pesquisa, e que perguntas complementares podem e devem ser apresentadas para aprofundar as informações, os roteiros compostos por 3, 4 ou 5 perguntas necessitarão de reformulação, pois, possivelmente, não serão suficientes para abranger o objetivo pretendido.

Esse parece um ponto que a atividade de ensino não conseguiu abordar, requerendo um aprofundamento das questões teóricas para alinhar o número de perguntas com os objetivos pretendidos a cada entrevista. Esse é o papel das disciplinas sobre Metodologias de Pesquisa.

Como, então, saber se o número de perguntas é suficiente? Um bom caminho é começar a pensar em um roteiro com os vários temas sobre os quais o objetivo poderia ser alcançado. Antes de começar a elaborar as perguntas do roteiro, o jovem pesquisador poderia pensar em quais temas estão contidos na sua pergunta e objetivo de pesquisa. Na maioria das vezes, cinco ou seis temas poderão ser encontrados, e a elaboração das perguntas para cada um desses temas pode ser um caminho para esgotar o número de perguntas suficientes para aquele tema. Um simples exemplo pode ser analisado em uma pesquisa que se preocupe com o ensino. Ao pensar em que consiste o ensino, não se pode prescindir de alguns temas tais como: 1) recursos de ensino utilizados; 2) estratégias utilizadas; 3) tipo avaliação usada; 4) teoria subjacente ao ensino e a avaliação. Portanto, elaborar um rol de perguntas para cada um desses temas pode ser adequado para abranger a pergunta de pesquisa.

Um estudo sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada

O Gráfico 2 apresenta a exequibilidade de os dados coletados por meio da entrevista serem passíveis de contemplar o objetivo pretendido.



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

A redação de objetivos claros e bem definidos é crucial para o desenvolvimento da pesquisa. A literatura sobre metodologia de pesquisa traz algumas sugestões sobre esse ponto (Aragão, 2017; Carvalho, 2019; Zanella, 2013). Há indicativos de que os verbos para a pesquisa podem ser muito amplos, restritos ou muito restritos, mas há o consenso de que o objetivo para pesquisa deve buscar um conhecimento.

No caso específico da entrevista, ainda há que se ressaltar o tipo de dado que uma entrevista busca construir com o entrevistado: suas percepções; concepções; crenças e valores; ou ainda a descrição e avaliação sobre fatos ou eventos vivenciados (Dias; Omote, 1995; Duarte, 2005; Manzini, 2020). Assim, a escolha do verbo e como o objetivo é descrito devem ser inerentes a essa forma de coleta.

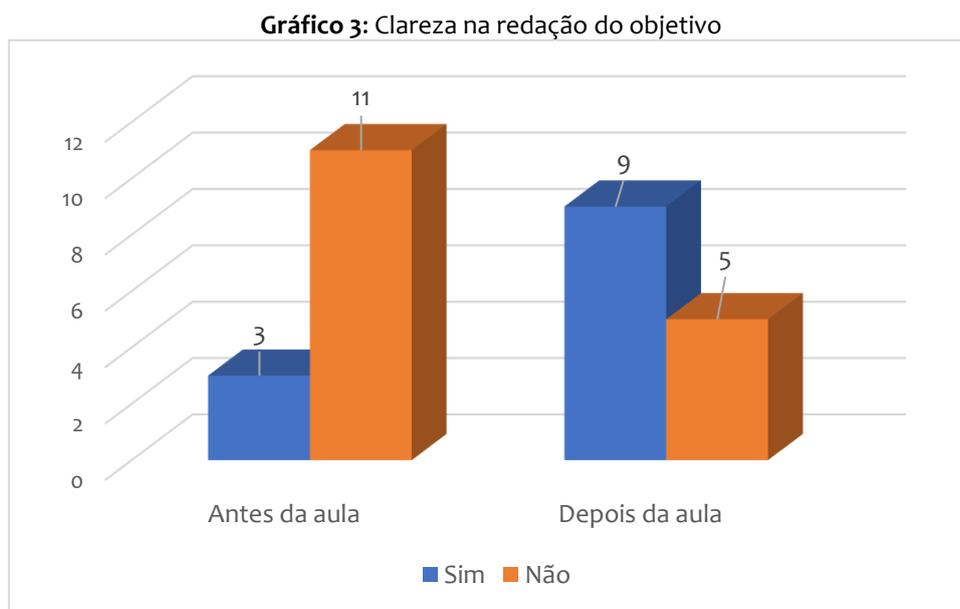
Em um dos roteiros analisados, a proposta era entrevistar o professor regente das turmas do quarto e do quinto ano do Ensino Fundamental I que ministrava aulas da disciplina de matemática. O objetivo apresentado foi: Identificar as dificuldades dos alunos ao realizar as operações matemáticas.

Analisando o objetivo proposto, conclui-se que para identificar as dificuldades dos alunos ao realizar as operações matemáticas seria necessária uma pesquisa com enfoque observacional, durante uma atividade de ensino das operações matemáticas. Porém, na

reformulação do objetivo, o foco poderia ser outro: Identificar, segundo o ponto de vista do professor, quais as dificuldades que os alunos enfrentam ao realizar as operações matemáticas. Verifica-se que o objeto de estudo muda. Na primeira formulação, o objeto é a dificuldade dos alunos; e na segunda, o objeto de estudo é o ponto de vista do professor sobre as dificuldades. Essas nuances são importantes ao se discutir os dados coletados por meio de entrevistas (Manzini, 2020).

É importante destacar, conforme observado no Gráfico 2, que o grupo de estudantes demonstrou ter uma boa compreensão sobre a finalidade da entrevista, uma vez que a maioria dos objetivos descritos nos roteiros iniciais poderiam ser alcançados por meio de entrevista.

O gráfico a seguir apresenta os dados sobre a clareza ao redigir os objetivos de pesquisa.



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

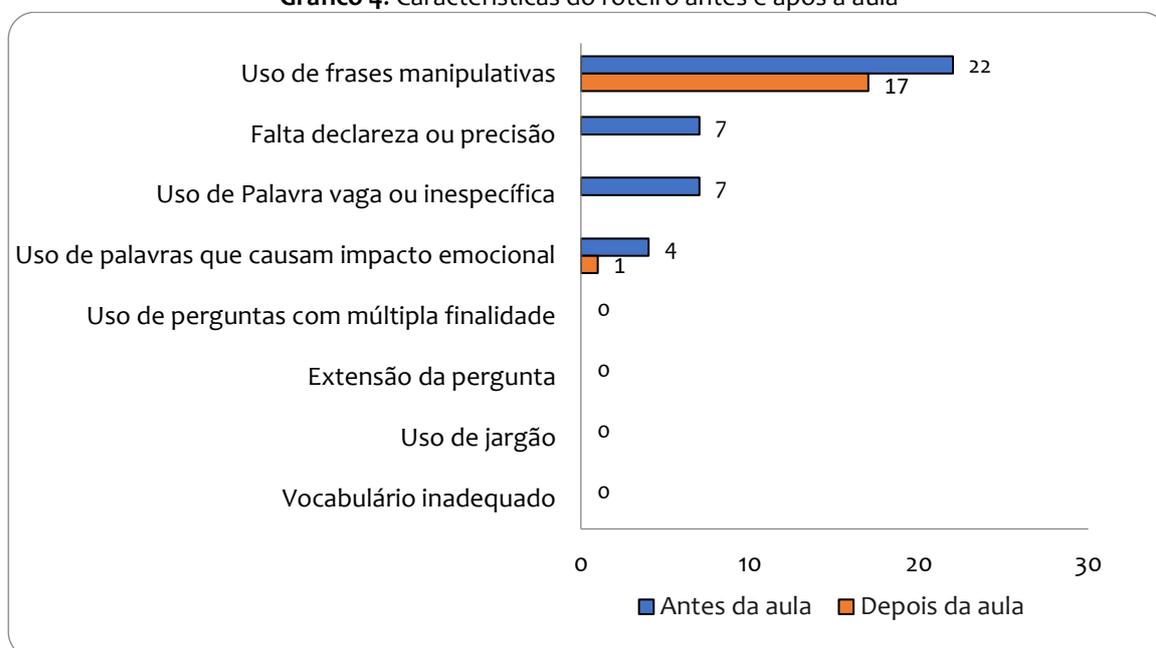
A clareza na redação do objetivo frequentemente requer suporte externo, provavelmente do orientador acadêmico ou de discussões em grupos de pesquisa. O exemplo a seguir ilustra essa questão.

(Objetivo inicial) Descobrir se o ensino do conceito de Paisagem na Geografia tem sido pautado e resumido pelo panorama de que Paisagem é tudo aquilo que se vê.

(Objetivo reformulado) Analisar o visocentrismo presente no ensino do conceito de Paisagem na disciplina de Geografia.

Os dados do Gráfico 3 demonstram que os participantes tiveram dificuldade de, por conta própria, redigirem os objetivos pretendidos com a entrevista. Pode-se concluir que a reescrita dos objetivos depois da aula ajudou aos discentes a melhorar clareza, porém, em cinco roteiros, esses objetivos ainda não estavam claros. Na maioria das vezes, essa tarefa abrange a ajuda dos orientadores, dos grupos de pesquisa, e, às vezes, os objetivos são rediscutidos nos exames de qualificação e/ou defesa do trabalho de conclusão de curso. Esse é um processo de aprendizagem do orientando, ao mesmo tempo, é uma forma de validação por pesquisadores externos, em seminários de pesquisa ou em bancas de qualificação, que auxiliarão sobre essa questão.

Gráfico 4: Características do roteiro antes e após a aula



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

O Gráfico 4 apresenta a classificação das variáveis mensuradas a partir dos roteiros analisados. A constatação evidente é que, após a aula ministrada, houve um decréscimo no número de vieses que os roteiros iniciais traziam, uma vez que não foram encontradas falta de clareza ou precisão ou palavras vagas ou inespecíficas nos roteiros reformulados. No entanto, um dos roteiros utilizou palavra que causa impacto emocional: Qual a sua concepção de inclusão? Essa pergunta é difícil de ser respondida, pois apresenta um tom de intelectualidade com a palavra “concepção”, e como já comentado anteriormente, seria

necessário uma série de perguntas para que o pesquisador respondesse qual a concepção de inclusão do entrevistado (Manzini, 2003).

A segunda constatação é que o uso de frases manipulativas foi recorrente nos roteiros reformulados, o que demonstra a necessidade de um aprofundamento mais consistente neste ponto específico durante as aulas que tratam de metodologia de pesquisa. Nota-se que havia 22 indicações dessa variável nos roteiros iniciais e 17 após a reformulação. Trata-se de dados brutos, sendo necessário uma análise proporcional ao número de perguntas totais dos roteiros antes e após reformulação. Assim, os dados demonstram que a soma de todas as perguntas dos roteiros iniciais foi de 71. Nos roteiros reformulados, a soma foi de 157, mais que duplicando o número de perguntas. Em porcentagem, cerca de 31% das perguntas dos roteiros iniciais corresponderam ao uso de frases manipulativas, e nos roteiros reformulados esse percentual representou 11%.

Observando individualmente os roteiros iniciais, constatou-se que em nove deles, do total de 14, ocorreu o uso de frases manipulativas. Na observação dos roteiros reformulados, verificou-se que em 3, de 14, houve ainda o uso de frases manipulativas. Portanto, constata-se que a maioria dos participantes conseguiram incorporar esse conceito.

O uso de frase manipulativas, conforme já descrito, ocorreu não necessariamente por intenção, mas decorre da forma como as perguntas são redigidas. Outros trabalhos de pesquisa corroboram os dados aqui encontrados sobre essa variável, demonstrando que o uso de frases manipulativas é a variável mais presente nos roteiros de pesquisadores iniciantes (Manzini, 2004; 2012).

Dada a relevância deste ponto para a análise, serão exibidos exemplos de perguntas que usaram frases manipulativas, acompanhadas das possíveis reformulações para eliminar o caráter manipulativo. Esses exemplos se justificam pelo caráter pedagógico para os interessados em utilizar a entrevista e roteiros em sua pesquisa, e podem servir como fonte de inspiração no momento de redigir as perguntas de um roteiro.

Salienta-se que a definição utilizada para identificar uma frase manipulativa refere-se ao seu caráter de tendenciar para um certo tipo de resposta. Quando a pergunta pressupõe que algo esteja ocorrendo, mesmo antes de se perguntar se o fenômeno ocorreu. A pergunta leva o respondente a uma obrigatoriedade em responder que sim ou não:

(Pergunta original) Você fez cursos (capacitação, extensão, pós-graduação etc.)?

Um estudo sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada

(Sugestão de Pergunta) Você teve a oportunidade de fazer cursos (capacitação, extensão, pós-graduação etc.)?

Nota-se que a pergunta original tem uma tênue nuance, pois caso o entrevistado não tenha realizado cursos, pode causar um sentimento de que ele deveria ter feito. Assim, a pergunta reformulada, ao usar a palavra “oportunidade”, retira da indagação essa obrigatoriedade.

A maioria dos exemplos parte do princípio de que o entrevistado deveria realizar alguma ação, requerendo uma reformulação da pergunta para eliminar essa obrigatoriedade:

(Pergunta original)

Você adapta os conteúdos de sua disciplina às necessidades específicas dos estudantes?

(Sugestão de Pergunta)

Houve a necessidade de você adaptar os conteúdos de sua disciplina às necessidades específicas dos estudantes?

(Pergunta original)

Você utiliza recursos adaptados para trabalhar com alunos deficientes visuais?

(Sugestão de Pergunta)

Houve a necessidade de você adaptar recursos para trabalhar com alunos deficientes visuais?

(Pergunta original)

Quais dificuldades você tem para atuar como docente na Educação Infantil?

(Sugestão de Pergunta)

Na sua experiência, você avalia que possui alguma dificuldade para atuar como docente na Educação Infantil?

(Pergunta original)

Você incentiva a criança a compartilhar as preferências dela com as outras crianças?

(Sugestão de Pergunta)

No seu entender, há necessidade de incentivar a criança a compartilhar as preferências dela com as outras crianças? Como isso é feito?

(Pergunta original)

Você consegue atender às preferências de todas as crianças?

(Sugestão de Pergunta)

Na sua avaliação, é possível atender às preferências de todas as crianças?

(Pergunta original)

(sobre o autoconhecimento do corpo das crianças) Você pede para elas mostrarem, por exemplo, o calcanhar?

(Sugestão de Pergunta)

Há necessidade de dirigir essa atividade, como, por exemplo, pedir para elas mostrarem o calcanhar?

(Pergunta original)

Professor você saberia me dizer o que é Orientação e Mobilidade?

(Sugestão de Pergunta)

Você já ouviu falar em Orientação e Mobilidade?

Em algumas perguntas que trazem esse caráter de obrigatoriedade, como comentado, é possível realizar uma reformulação da pergunta modificando o sujeito da frase, colocando a ação sobre outro elemento, como pode ser verificado a seguir.

(Pergunta original)

Você possui formação para atuar com esse público?

(Sugestão de Pergunta)

A formação que você recebeu foi suficiente para atuar com esse público?

Nota-se nesse exemplo que a conotação não recai sobre o entrevistado, mas é deslocada para a “formação”. Na realidade, o enfoque permanece sobre saber se a formação foi suficiente para trabalhar com um determinado público.

(Pergunta original)

Como você faz a avaliação do desenvolvimento cognitivo dos alunos com baixa visão e/ou cegueira?

(Sugestão de Pergunta)

Existe um sistema de avaliação na sua escola para mensurar o desenvolvimento cognitivo dos alunos com baixa visão e/ou cegueira?

No exemplo anterior o enfoque é deslocado para a escola, e não para a alçada do professor. Esse tipo de deslocamento do sujeito da ação e do sujeito psicológico pode ser interpretado à luz da teoria de Vygotsky, quando discute a questão de o sujeito psicológico não ser, necessariamente, o sujeito da ação (Manzini, 2020).

Nas pesquisas que utilizam roteiros para entrevistas é imprescindível que esse instrumento seja apreciado por outras pessoas que tenham experiência na arte de entrevistar, pessoas capacitadas que consigam identificar vieses nas perguntas expressas nos roteiros. Preferencialmente, dois ou mais pesquisadores, que conheçam o tema sobre a pesquisa. O envio desses roteiros, com o objetivo da pesquisa e com a descrição de quem serão os entrevistados, para experts ou juízes externos é uma forma para validar os conteúdos. Ao enviar o roteiro para os pesquisadores externo, é necessário descrever o que eles deverão fazer, de maneira clara: 1) investigar se as questões apresentadas atendem aos objetivos da pesquisa; 2) se a forma como as perguntas estão elaboradas são adequadas; 3) se existe necessidade de inserção de outras questões no roteiro. Literatura mais recentes tem

descrito, de forma minuciosa, o que deve ser avaliado nos roteiros para entrevistas (Manzini, 2024).

O último elemento analisado foi a descrição dos preâmbulos. Dos 14 roteiros reformulados, seis apresentaram a descrição do preâmbulo. Todos os preâmbulos estavam adequados em relação ao que a literatura pontua: 1) descreveram, em uma língua acessível, o tema ou objetivo da pesquisa; 2) pontuaram a importância de o entrevistado compartilhar a experiência vivenciada, o que traria impacto para a pesquisa sobre o tema da entrevista; 3) indicaram a necessidade da gravação da entrevista como uma fonte fidedigna de interpretação; e, 4) garantiram o sigilo do entrevistado. Segue um exemplo:

Estamos realizando uma pesquisa para analisar possibilidades de adaptações curriculares inclusivas para alunos com deficiência visual. Acreditamos que sua experiência como professor (a) de alunos com deficiência visual poderia somar muito a nossa pesquisa. Assim convidamos você para pensarmos juntos sobre esse tema. Você poderia nos dar uma entrevista? Para fins de validar sua participação que consideramos de grande valia, você autorizaria gravar e ou filmar sua participação? Importante afirmar que você terá resguardado todas as informações registradas com sua participação e seu anonimato será garantido.

Há que se ressaltar que a constituição de um preâmbulo, como elemento do roteiro para ser utilizado no momento da entrevista, é um procedimento pouco usado em dissertações e teses que têm a entrevista como procedimento de coleta. Esse procedimento, descrito há mais de 20 anos (Manzini, 2003), começa a ser utilizado em estudos mais atuais e é uma boa forma para se iniciar uma entrevista. O preâmbulo ajuda a manter o enquadre psicológico da entrevista, pois, com um grupo homogêneo de entrevistados, o mesmo preâmbulo é utilizado com todos os participantes (Manzini, 2020). Também tem sido incorporado neste instrumento o “desfecho”, por escrito, para indicar a finalização da entrevista. Pergunta-se ao entrevistado se ele gostaria de falar mais alguma coisa sobre o tema, que não foi conversado. Depois encerra-se a entrevista, agradecendo e perguntando ao entrevistado que, em caso de dúvida, se seria possível marcar uma segunda entrevista (Manzini, 2024). Esse desfecho abre um espaço para conversa futura caso seja necessário aprofundar algum tema importante.

4 Conclusões

Os dados analisados evidenciam a necessidade de formação específica para pesquisadores iniciantes que nunca trabalharam com entrevista. Em uma aula de duas horas, foi possível verificar quantitativamente e qualitativamente o avanço conceitual sobre o tema elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada.

Além disso, ficou evidenciada a necessidade de uma discussão conceitual mais aprofundada sobre como entender e redigir os objetivos da pesquisa, conteúdo que poderia ser estendido para uma aula, no mínimo, pois os participantes demonstraram dificuldade sobre esse tema.

Ao analisar os roteiros e ainda constatar vieses nas reformulações, os autores deste texto enviaram, por escrito, aos participantes aquelas perguntas que poderiam ser modificadas em seu roteiro, finalizando o *feedback* da aula.

Referências

ARAGÃO, José Wellington Marinho de; MENDES NETA, Maria Adelina Hayne. **Metodologia científica**. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30900/1/eBook%20-%20Metodologia%20Cientifica.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ADURENS, Fernanda Delai Lucas; DELIBERATO, Débora; MANZINI, Eduardo José. Elaboração de um roteiro para entrevista semiestruturada: aspectos teóricos e práticos. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA DEFICIÊNCIAS FÍSICAS E SENSORIAIS, 5., Marília, 2019. **Anais do Seminário do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais...**, Marília: Unesp, v.2, 2019. p. 205-214.

BLANCHET, Alain. Complementations et interpretations d'un interviewer dans l'entretien de recherche: leurs effets sur le discours de l'interviewé. **Paris**, v. 33, n. 4, p. 280-288, 1988.

BLEGER, José. **Temas em psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2005.

GOMES, William Barbosa. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8. n. 2, p. 305-336, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/5xXhPd4vGV7GmhXyL3RdRQK/?lang=pt#>. Acesso em 14 ago. 2023

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Amelia; OMOTE; Sadao. (org.). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto; VICTOR, Sônia Lopes (org.). **Pesquisa e educação especial: mapeando produções**. Vitória: UFES, 2006. p. 361-386.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percursos**, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/114753>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MANZINI, Eduardo José. **Análise de entrevista**. Marília: Abpee, 2020.

MANZINI, Eduardo José; GLAT, Rosana. Influence of researcher's social representations in analysis of interviews: a study in the field of special education. **Education Policy Analysis Archives**, v.22, p. 1-18, 2014.

MANZINI, Eduardo José. **Princípios metodológicos para pesquisa: enfoque em educação especial**. Goiânia: Editora Sobama, 2024.

MENEZES, Afonso Henrique Novaes; DUARTE, Francisco Ricardo; CARVALHO, Luis Osete Ribeiro; SOUZA, Tito Eugênio Santos. **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância**. Petrolina-PE, Universidade Federal do Vale de São Francisco, 2019. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/dacc/noticias/livro-univasf/metodologia-cientifica-teoria-e-aplicacao-na-educacao-a-distancia.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

DIAS, Tércia Regina S.; OMOTE, Sadao. Entrevista em educação especial: aspectos metodológicos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v. 3, p. 93-100, 1995.

REA, Louis M.; PARKER, Richard A. **Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira, 2000.

ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: teoria e prática. In: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes (org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p.119-123.

SEIDMAN, Irving. A structure for in – Depth, Phenomenological Interviewing. In: SEIDMAN, Irving. **Interview as a qualitative research teacher: a guide for researchers in education and social sciences**. Teachers College, Columbia University. New York and London, 1988.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013. Disponível em: https://faculdefastech.com.br/fotos_upload/2022-02-16_10-05-41.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

Sobre os autores

Eduardo José Manzini

Doutor em Psicologia Experimental pela USP - São Paulo, livre-docente em Educação pela Unesp de Marília, Pós-Doutorado pela UERJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, Campus de Marília, Marília, São Paulo, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais. Pesquisador do CNPq - 1 A.
E-mail: eduardo.manzini@unesp.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7157-8227>.

Raffaella Lupetina

Doutora em Educação pela UERJ, Pós-Doutorado em Educação pela UFRRJ e Pós-Doutorado em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Docente do Instituto Benjamin Constant (IBC) no Mestrado Profissional em Ensino na Temática da Deficiência Visual (MPEDV). Coordena o grupo de pesquisa GPESBRA: Grupo de Pesquisa sobre o Sistema Braille.
E-mail: raffaelalupetina@ibc.gov.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5816-2550>.

Recebido em: 10/04/2024

Aceito para publicação em: 11/09/2024